
“O futuro será todo feminino?” Disputas de sentido político no grupo “Geração *Doctor Who*”¹

Beatrice de Melo²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender como são realizadas as disputas de sentido político no *fandom* de *Doctor Who*, especialmente relacionadas à feminismo durante a era de Jodie Whittaker, a primeira atriz mulher a tomar o papel principal. Tem-se a intenção de entender como os fãs recebem essas temporadas dela e seus temas. A hipótese é que o fã cria sua percepção política da série de maneira que ela se alinhe às suas próprias crenças políticas. Para isso, será analisada a comunidade do *Facebook* “Geração *Doctor Who*” por meio de suas postagens comentários sobre a era da 13ª Doutora (2017 - 2023).

Palavras-chave

Disputas de sentido; Comunidades interpretativas; Fandom; Recepção de ficção televisiva seriada; Estudos de fãs de ficção televisiva seriada.

Corpo do trabalho

Introdução

Doctor Who é a série de ficção científica mais duradoura da televisão mundial³. Nela, o Doutor, um extraterrestre, viaja pelo espaço-tempo na TARDIS, uma nave espacial disfarçada. Criada em 1963 pelo canal BBC, ganhou o título de um dos clássicos da televisão britânica. A série original clássica durou 26 anos até que foi cancelada devido à baixa audiência. Porém, em 2005, a série retornou com sucesso, conhecida pelos fãs como série moderna. Para durar tanto tempo, a série adotou um método de troca do ator principal. Quando o Doutor está seriamente ferido, ele se regenera, alterando sua aparência física, sua personalidade e, por consequência, o ator.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Curso de Comunicação do PPGCOM-UFF, email: beatrice_melo@id.uff.br

³ Disponível em <https://www.campaignlive.co.uk/article/doctor-named-longest-running-sci-fi-tv-show/595605> e In For the Long-Haul: The 10 Longest Running Sci-Fi TV Series (collider.com). Acesso em 21/06/2022.

Durante seus quase sessenta anos de duração⁴, a personagem principal já foi interpretada por 13 atores. Apesar disso, foi apenas em 2017 que uma mulher assumiu o papel, a atriz Jodie Whittaker. Alguns fãs não gostaram: alegaram que agora estariam inserindo forçadamente tópicos políticos na série⁵. Outros, rebateram que *Doctor Who* sempre inseriu temas políticos nas histórias⁶.

Doctor Who foi a série escolhida para analisar como se dão essas disputas de sentido dentro de um fandom por ter durado muito tempo e, por esse motivo, trazer uma grande diversidade de fãs. A era de Jodie Whittaker, por ser a que apresentou mais diversidade de elenco principal com os companheiros de viagem Ryan Sinclair, um homem negro, Yasmin Kjan, de ascendência indiana, e Graham O'Brien, um idoso, além da nova atriz principal e também ter diversos episódios com temáticas sociais e críticas importantes, foi escolhida especificamente para ser temática destas disputas. Para isso, serão analisadas as discussões envolvendo 3 episódios específicos: *Rosa* (temporada 11, episódio 3), *Kerblam!* (temporada 11, episódio 7) e *Orphan 55* (temporada 12, episódio 3) no grupo “Geração Doctor Who”, no *Facebook*. Os episódios foram escolhidos por terem causado certa discussão quando foram ao ar envolvendo a questão de se *Doctor Who* virou uma série muito politicamente correta ou não. *Rosa*, por se tratar sobre o *apartheid* nos Estados Unidos, *Kerblam!*, por explorar assuntos relacionados a problemas trabalhistas e *Orphan 55*, por chamar a atenção para questões ambientais.

Já a comunidade foi escolhida por ser o maior grupo online de fãs de *Doctor Who* brasileiro, com quase 24 mil membros e também por ser conhecido por ter discussões “tóxicas”. É uma comunidade ativa, desde sua criação, em 2013, em que as pessoas postam suas opiniões sobre a série, e também piadas, notícias ou fotos. Foram coletados posts e comentários dentro de postagens que contenham o nome do episódio ou que tenham sido publicados na época do lançamento do episódio e que contenham palavras-chaves como “política”, “político”, “aquecimento global”, “racismo”, “lacre”,

⁴ Doctor Who continuou criando conteúdos e histórias inéditas por meio de outras produções transmidiáticas como livros em prosa, quadrinhos e audiolivros.

⁵ Disponível em: https://www.dailymail.co.uk/news/article-6324799/Doctor-sparks-fan-backlash-Time-Lord-branded-TVs-politically-correct-show.html?fbclid=IwAR2kUveU6IeLnuSM4qIjbG_miPGZtah_Nk_GSgeLWWLuykquVeG-_9aUmd8. Acesso em: 28/04/2022.

⁶ Disponível em: <https://metro.co.uk/2018/11/11/yes-jodie-whittakers-doctor-who-concentrates-on-social-justice-issues-and-theres-a-crucial-reason-for-it-8114319/>. Acesso em 28/04/2022.

“feminismo”. Os termos foram escolhidos levando em consideração as temáticas dos episódios e suas discussões decorrentes. Após a coleta, o conteúdo foi analisado qualitativamente para entender como se dá a discussão sobre questões políticas dentro do *fandom*. A coleta foi feita manualmente por meio da própria barra de pesquisa e no total, foram coletados e analisados 1.174 posts e comentários.

Comunidades Interpretativas e *Fandom*

Os primeiros estudos de audiência viam o espectador como alguém que não consumia o conteúdo criticamente e apenas o aceitava, eram alienados (FREIRE FILHO, 2007; JENSON 1992). O fã era visto como um indivíduo manipulável, que não conseguia separar a realidade da ficção e confundia a sua própria identidade com a identidade do ídolo (MONTEIRO, 2005). Foi apenas por volta de 1970 que o espectador começou a ser destacado como agente ativo na produção de sentido de produtos midiáticos. Ainda assim, Monteiro (2005) destaca o fato de que, apesar dos estudos de fã terem evoluído ao superar a ideia pejorativa de fã, é preciso se atentar à visão de estudos atuais que entendem as práticas de fãs apenas como uma maneira de romper com os padrões sem fazer crítica alguma ao fenômeno.

Dessa maneira, baseada nos conceitos de Bourdieu (1979) muito utilizados em estudos de fãs, sobre o capital cultural, que é uma forma de adquirir poder numa sociedade por meio de consumo de entretenimento que a sociedade julga de qualidade e culta, por exemplo, apreciar óperas, Thornton (1995) afirma que espaços que parecem quebrar padrões impostos pela sociedade não são tão independentes assim, e que a hierarquia de subculturas funciona de maneira similar a da sociedade geral, criando estruturas de poder dentro do subgrupo. (SANDVOSS, 2013).

Assim, Fiske (1989), utilizando-se também da ideia de capital cultural para a cultura popular, alega que disputas de poder ocorrem em outras esferas além da alta cultura. Para ele, o capital cultural popular é criado pelas classes menos favorecidas como uma forma de resistência à cultura erudita. Desta maneira, um *fandom*, ao nutrir um sentimento tão forte por um produto da cultura popular é uma maneira de se opor à alta cultura como a única cultura digna. Desta maneira, as pessoas que lutam por igualdade poderiam estar subvertendo e reapropriando símbolos já existentes. Alguns estudiosos discordam, pois existe uma hierarquia tradicional em meio a cultura popular, como o fato de, por exemplo, homens brancos normalmente terem mais visibilidade em

esferas do entretenimento e também pelo fato de que nem sempre os fãs estão interessados em criar uma subversão (SANDVOSS, 2013). Sandvoss (2013) problematiza essa visão otimista de Fiske (1989) pois a polissemia de sentidos que um texto pode criar não permite saber se algo está sendo utilizado de maneira subversiva ou não. Assim, as práticas de *fandom* não podem ser vistas como uma maneira de resistência por si só.

Dessa maneira, para explicar as diferentes disputas de interpretação, Fish (1980) cria o conceito de comunidades interpretativas. Ele afirma que o texto original de um produto midiático em si, não é o suficiente para que ele tenha um significado oficial. Os significados dependem de muitas variáveis, e o que mais deveria importar não é a obra original, mas sim o que as pessoas entendem dela. Fish critica a ideia de que toda divergência pode ser resolvida com fatos concretos, pois eles apenas têm relevância quando vistos de acordo com um ponto de vista específico, que pode variar. Campanella (2012) também afirma que a criação de hierarquias dentro de um grupo muitas vezes atrapalha a concordância entre os membros, pois os participantes, provenientes de diversos lugares socioeconômicos diferentes e com visões de mundo diferentes, interpretam a mesma mídia de forma diferente.

Disputas Políticas

Dessa maneira, as postagens feitas em certos grupos específicos são um palco para a performance de um personagem que nós mesmos criamos (SÁ; POLIVANOV, 2012) que podem adquirir contexto político quando elas são postas em confronto com estruturas sociais e outras histórias que fazem parte das narrativas dominantes (PAPACHARISSI, 2015). Papacharissi (2015) traz o conceito de Públicos Afetivos para alegar que muitas das mobilizações feitas por mídias sociais, como por exemplo, subir uma hashtag de cunho político ou social, têm um efeito mais eficaz quando utilizam-se de questões sentimentais, pois assim é mais fácil conectar um grupo de desconhecidos por um motivo em comum. Campanella (2012) também percebeu isso no campo do entretenimento. Existem muitas discussões sobre se é justo ou não gostar de alguém devido a sua história de vida sofrida ou por ser pertencente a uma minoria. Os fãs reclamam de levar em consideração o pano de fundo socioeconômico, apesar de muitas pessoas o fazerem.

Van Zoonen (2005) faz conexões de semelhanças que a cultura política atual tem com a cultura popular. Ela alega que essas esferas são similares pois (1) para ambas a performance é essencial; (2) pelo esforço das pessoas para com a comunidade; e (3) ambos necessitam de investimento emocional dos participantes. Ambas têm como objetivo criar uma audiência por meio de identificação emocional de maneira que tenham o trabalho de criar narrativas ficcionais que conversem com a realidade do espectador e, quanto maior a audiência melhor (STREET, 1997).

Apesar da autora não ser a primeira a traçar esse paralelo, existe certa resistência em afirmar que os dois funcionam da mesma maneira. Van Zoonen (2005) alega que a separação das atividades de fãs das atividades de política vem da ideia de que entretenimento e política não devem se misturar. Ela critica essa visão pois não é possível separar a política da cultura de fãs, uma vez que um grupo de cidadãos é formado pelas mesmas pessoas que são espectadores e fãs da cultura popular. Outro motivo para também evitar misturar esses dois assuntos é porque normalmente o fã é visto como alguém que não pensa por si mesmo (JENKINS, 1992), o contrário do que se costuma pensar sobre “cidadãos”, que são ativamente políticos e críticos (FISHER & KING, 1993).

Representação de Gênero

Foi apenas na década de 1970 que uma variedade de personagens femininas começaram a ganhar espaço na televisão (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2018), com o aumento da popularidade dos movimentos sociais. Apesar disso, o aumento das representações femininas se deve mais ao fato de na época ter ocorrido um aumento de competitividade entre os canais de televisão. As novas emissoras de TV a cabo, para se diferenciarem da televisão aberta, focaram em oferecer narrativas diferentes (DOW, 2005), não havia um interesse genuíno em demonstrar diversidade. O mesmo ocorreu no fim dos anos 1990 e começo dos 2000 em que se viu uma maior representatividade feminina nas séries, e maior diversidade de histórias. Por conta da busca de novos nichos específicos para cada canal de TV a cabo (LOTZ, 2006).

Por esse motivo, as representações femininas atuais ainda podem ser consideradas problemáticas. Segundo Castellano e Meimaridis (2018), atualmente surgiu um novo clichê que traz estereótipos tanto masculinos como femininos: para demonstrar força, trejeitos majoritariamente associados à figura masculina, como a

frieza em relações interpessoais; e os “chiliques” estimulados por serem emocionais demais trazidos como traços femininos (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2018). Van Zoonen (1994) critica a insistência de criar representatividade de mulheres com traços masculinos pois parece importante que a mulher adquira características majoritariamente vistas como masculinas para chegar em posições de prestígio, o que acaba depreciando características vistas tipicamente como femininas e faz com que o ideal de padrão continue sendo masculino (VAN ZOONEN, 1994).

Análise dos episódios

De maneira geral, os comentários sobre política, na maior parte das vezes, não citam um episódio específico. E as críticas em relação aos episódios envolvem mais questões técnicas como roteiro, trilha sonora, cenografia, etc, trazendo hierarquia de conhecimento presente em diversas subculturas (THORNTON, 1995; SANDVOSS, 2013). Apesar de *Doctor Who* ser uma série cheia de mudanças, épocas de regenerações são sempre controversas pois os fãs ficam saudosistas com eras anteriores. Com a Doutora não foi diferente. Além da mudança de personagem principal, o *showrunner* também foi alterado. Assim, houve algumas mudanças na própria estrutura da série, como episódios direcionados a pautas e problemas sociais e isso abriu espaço para comentários controversos. Muitas pessoas reclamaram especificamente desses episódios mais explícitos. Sobre como a mensagem veiculada deveria ser sutil, aberta à interpretações.

No episódio *Rosa* (temporada 11 episódio 3), a Doutora e seus companheiros de viagem vão para o Alabama em 1955. Lá, um vilão está tentando alterar a linha do tempo ao fazer com que a ativista pelos direitos civis dos negros, Rosa Parks⁷, não seja tão importante. O vilão faz com que o ônibus de Rosa não esteja tão cheio, diminuindo a importância do seu ato. Para contornar esse problema e fazer com que a história siga seu curso original, a Doutora e seus companheiros tentam lotar o ônibus de novo, assumindo eles mesmos o lugar de passageiros.

Esse episódio foi bem recebido no grupo *Geração Doctor Who* por se tratar de uma história mais emotiva, sendo considerado por muitos o melhor da temporada. A

⁷ Naquela época, nos Estados Unidos, os assentos dos transportes públicos eram separados entre brancos e negros. Rosa ficou conhecida quando se recusou a ceder seu assento aos brancos em pé no ônibus. Ela foi presa, mas isso acarretou a um boicote ao transporte público que durou mais de um ano e, em 1956, a segregação racial em transportes públicos teve fim.

maior parte das reclamações envolvia alegar que, apesar de apresentar uma ideia interessante, o episódio tinha um roteiro fraco. Além disso, o tom educacional também não foi bem visto, pois parecia que o autor sentia a necessidade de explicar detalhes repetidas vezes. A maior parte das discussões envolvendo problemas sociais era sobre feminismo e não sobre racismo e muitas pessoas justificaram não terem gostado do episódio frisando que não era devido a mudança de gênero do ator principal.

Foi também criticado por alguns o fato de que o episódio se propôs a discutir um tópico importante como o racismo, mas de uma maneira rasa. Por exemplo, Ryan leva um tapa no começo do episódio e a Doutora assiste sem interferir para não correr o risco de alterar a linha do tempo. Essa atitude foi comparada com o episódio *Gelo Fino* (temporada 10, episódio 3), em que o Doutor, em 1814, soca um racista que sugeriu que sua amiga, Bill Potts, era inferior a ele. Apesar disso, houve pessoas que viram nessa cena uma maneira efetiva de demonstrar como aquela época funcionava e ficaram emocionados ao tentar se colocar no lugar da Doutora, de ver situações de injustiça e ter de ficarem quietos. Em contrapartida, houve outras pessoas que se utilizaram também do episódio *Gelo Fino* para alegar que o último aborda a temática do racismo de uma forma “não exagerada”, pois *Rosa* focava demais na problemática social.

Foi praticamente consenso de que o episódio abordou uma temática importante para os dias atuais, principalmente por ter sido lançado em 2018, ano das eleições presidenciais no Brasil em que Jair Bolsonaro ganhou. Muitas das conversas analisadas alteram a discussão sobre a qualidade do episódio para discutir sobre feminismo e machismo, o que é reflexo da polarização política que ocorreu naquele ano. Os fãs de maneira geral ficaram felizes em descobrir quem Rosa Parks foi, uma vez que ela não é muito conhecida fora dos Estados Unidos, e por ser um episódio didático nesse sentido.

O problema de *Rosa* é que as atitudes da Doutora são tomadas de maneira que a história seja preservada. Possivelmente, o objetivo do roteirista era dar o protagonismo para a própria Rosa Parks. Porém, para isso, a Doutora e seus amigos tiveram que ser coniventes com diversas situações de racismo ao longo do episódio, especialmente na cena do ônibus, em que Graham e a Doutora, os personagens principais brancos, ocupam lugares para a situação ocorrer e Rosa ser presa. Um fato interessante de se notar é que isso também tira o protagonismo da atitude de Rosa, que não foi algo espontâneo, mas sim planejado com antecedência, pois o mesmo já tinha ocorrido com

uma jovem grávida, porém, sem tanta repercussão⁸. As discussões sobre *Rosa* demonstram que há uma divergência de opiniões em relação ao episódio ser politizado ou não: por um lado, traz temáticas importantes em uma época de polarização política. Por outro, também deixa a desejar para alguns fãs em relação a como a temática é tratada, despolitizando o movimento negro ao dar a entender que a atitude de Rosa foi algo ao acaso e também ao fazer a Doutora e Graham serem coniventes com racismo.

Outro episódio que também causou certa polêmica foi *Kerblam!*. Nele, a Doutora recebe uma encomenda de uma empresa multimilionária e num cartão que o acompanha está um pedido de socorro. Ela e sua equipe vão até a empresa, chamada *Kerblam!*, disfarçados de funcionários. Lá, descobrem que ela é quase toda automatizada por robôs, porém, para barrar a crise de desemprego de humanos, todas as grandes corporações têm uma cota de funcionários não-robôs. Eles percebem que os funcionários humanos estão sumindo e, ao longo do episódio, descobre-se que quem estava por trás disso era um ativista extremista infiltrado que lutava pelo aumento de cotas humanas nas empresas. A Doutora finaliza a aventura com um discurso sobre como os sistemas não são o problema e explica que quem mandou o pedido de socorro foram os robôs da própria empresa. O episódio pode tanto ser visto como uma crítica a grandes empresas que não se importam com seus funcionários como também às pessoas que questionam os sistemas vigentes.

O episódio foi bem recebido pelos fãs, que gostaram por ter passado uma crítica social de maneira mais sutil, como pano de fundo. Alguns comentaram que era o único episódio *Doctor Who* “de verdade” da temporada por ter mais marcas do gênero de ficção científica. Ninguém no grupo pareceu entender *Kerblam!* como propaganda corporativista, como aconteceu no fandom inglês. Em contrapartida, as críticas envolviam o fato de que a Doutora deixou que três pessoas morressem.

O que se pode notar é que há diversas discussões sobre a maneira certa de se assistir a série. Jenkins (1992) afirma que disputas entre fãs existem para chegar num consenso sobre qual a interpretação é mais legítima. Dessa maneira, existe a necessidade de se mostrar mais fã que outros, que se entendeu a série, mais que o outro. No caso de *Doctor Who*, essa disputa por legitimação também passa a questionar as próprias escolhas das produções, que sempre muda e, portanto, às vezes não segue o

⁸ Disponível em: <https://teatrojornal.com.br/2023/05/a-vida-desconhecida-de-claudette-colvin/>. Acesso em: 31/07/2021.

direcionamento que alguma parte do fandom acredita ser a melhor para o programa, e por vezes alegam certas decisões não são *Doctor Who* “de verdade”.

Por fim, *Orphan 55* foi um dos episódios mais discutidos. Nele, a Doutora e seus amigos, vão para um “planeta-spa” com o mesmo nome do episódio. Porém, a viagem é interrompida por um ataque de criaturas chamadas Dreg. Ao fim do episódio, descobre-se que *Orphan 55* é o planeta Terra no futuro, e que os Dreg são seres humanos que sofreram mutações genéticas devido ao aquecimento global. O episódio foi considerado ruim para a grande maioria dos fãs, principalmente pela sua escrita. Ele termina com um discurso da Doutora, voltado à audiência, sobre como se deve parar o aquecimento global, com um tom extremamente educacional.

Houve pessoas que criticaram o fato de *Doctor Who* tratar a temática do aquecimento global em sua trama, e argumentaram, assim como em *Rosa*, que isso estaria estragando a experiência de assistir à série, não apenas por causa do tom professoral, mas porque estavam inserindo temáticas políticas na série, que funcionava como um escape do mundo real, e prefeririam que a mensagem de conscientização fosse mais sutil. Apesar de já haver tido outros episódios com temáticas ambientais em *Doctor Who*, foram de fato, poucos. Porém existem diversos episódios, tanto na série Clássica quanto na moderna, explorando os horrores da guerra, por exemplo, algo que ocorreu, e ainda ocorre, no mundo real, e que não pareceu incomodar tanto assim os fãs.

Apesar disso, tiveram pessoas que gostaram e que acharam exagero tantas críticas à *Orphan 55*, pois era apenas um episódio mediano. Alguns, acreditam que o discurso da Doutora foi fraco, mas que isso não influenciava na qualidade do episódio em geral e que *Doctor Who* estaria sofrendo críticas mais incisivas pelo fato de a protagonista agora ser uma mulher e, por isso, não poder cometer erro algum.

Algo também comentado foi a conduta da Doutora e sua falta de sensibilidade. No fim do episódio, ela não salva ninguém, deixando-as morrer, segundo os fãs, não havia impedimentos para resgatá-los. Yasmin perguntou o que aconteceria com essas pessoas ao que a Doutora respondeu que o que eles acabaram de viver era apenas um futuro possível, e ainda dava para reverter a situação nos dias atuais, no século XXI, se a população cuidar mais do meio ambiente. Isso fez com que os fãs questionassem o critério de escolha de quais vidas a Doutora quer salvar, e sobre a moralidade da 13ª

Doutora parecer muito vazia. Outros gostaram do final devido ao peso que trouxe para a mensagem, levando a sério a problemática ambiental.

Discussões Gerais

Existem três tipos de fãs discutindo política em *Geração Doctor Who*: (1) As pessoas que defendem que *Doctor Who* sempre foi um seriado político a frente do seu tempo, discutindo pautas importantes como questões raciais e problemas sociais; (2) as pessoas que concordam com isso, mas afirmam que antigamente a série fazia isso de maneira sutil e hoje mais parece propaganda de ideologias políticas; e (3) as pessoas que acham que é inútil tentar interpretar o que acontece num seriado de ficção sobre algo que teoricamente não existe baseados em acontecimentos do mundo real, e assim não se deveria misturar problemas sociais com entretenimento.

A maioria das pessoas da comunidade concordam que o roteiro da era está ruim, mas acreditam que o está por motivos diferentes: o primeiro grupo acredita que é porque o *Showrunner* não tem experiência em ficção científica. Já o segundo e o terceiro grupo acreditam que ele errou em *Doctor Who* por focar em questões políticas, e tentar fazer disso uma temática em seus roteiros e não um pano de fundo. Eles também acreditam que pelo fato de tanto o elenco, como a equipe por trás das câmeras estar mais diversa, agora as contratações feitas pela BBC não seriam mais pelo talento dos profissionais, mas sim para preencher uma lista de cotas e sem dar importância para a qualidade do programa.

Isso levou a várias discussões entre os fãs sobre como o problema atual é que *Doctor Who* sempre passou uma mensagem de forma natural, mas agora tudo teria que estar alinhado ao politicamente correto. Assim, a série atual estaria mais preocupada em agradar as minorias que com qualidade. O contra argumento principal era que *Doctor Who* sempre teve um histórico de minorias trabalhando nos bastidores da série. Como Hall (1981) e Monteiro (2005) alegam, tanto o processo de codificação, dentro da própria produção da série, quanto o processo de decodificação, feito pelos fãs são igualmente importantes e que elas podem, sim, gerar conformismo a alguns fãs, enquanto para outros, ela abre portas para criar uma resistência contra o sistema vigente, assim se dão as disputas sobre o próprio direcionamento da produção da série.

A visão de que essa temporada não é *Doctor Who* de verdade é controversa, pois além do fato de que a produção da série sempre muda com o passar dos anos, (1) a série

sempre tocou em pontos sobre preconceitos, minorias e problemas socioeconômicos; e (2) essa fala vem apenas porque no momento atual abordar pautas políticas e sociais é visto negativamente. Isso traça um paralelo com a historicidade das representações femininas na televisão, e com o cuidado que executivos tiveram ao trazer representatividade para as telas, e como os primeiros papéis eram sempre no mesmo modelo que sabiam que faria sucesso (LOTZ, 2006). Em relação a isso, foi postada uma entrevista de um antigo *Showrunner* explicando o porquê de *Doctor Who* não ter tido uma protagonista feminina antes: “A série não é apenas para os liberais, ela também é para quem votou no *Brexit*. Não tem nada a ver com política, mas temos que manter todos a bordo”. A mudança que a representatividade feminina sofreu ao longo do tempo na televisão mudou devido ao movimento feminista, mas mais importante que isso, foi a competitividade e a necessidade de criar conteúdos que se destacassem (CASTELANO; MEIMARIDIS, 2018). Em 2017, com *Doctor Who* não foi diferente, e as questões de elenco e representatividade ainda estão intimamente ligadas com escolhas visando atrair audiência e que pouco têm a ver com movimentos sociais.

Além disso, muitas das discussões contavam com pessoas dizendo que outros assistiram *Doctor Who* errado e dando exemplos disso, o que vai corroborar com a teoria sobre comunidades interpretativas de Fish (1980), de que é impossível resolver todas as disputas de sentido apontando fatos concretos, pois eles são vistos de maneiras diferentes e dependem de vivências pessoais.

Apesar do consenso geral de que a série está ficando mais explicitamente política, na era de outros *Showrunners* houve também muitos episódios em que a crítica, apesar de não conter um discurso educacional, também foram explícitas. Essas discussões, amplamente pautadas pelo fator nostalgia da série, de que antes era melhor, são comumente utilizadas nos setores políticos conservadores. Séries como *Star Wars*, e *Star Trek* contam com o mesmo problema e discussões sobre como estão inserindo questões políticas atualmente de uma maneira errada, séries que sempre contiveram mensagens políticas mas que antes o faziam de uma maneira melhor.

Além disso, a questão da dublagem apareceu em vários outros posts, pois ela foi criticada, inclusive por profissionais da área ao tentar fazer algo descolado e acabar perdendo o sentido real do que se estava sendo falado. A dublagem inseria piadas onde não havia e personalidades brasileiras como Palmirinha ou Silvio Santos em situações

que não precisavam de um equivalente brasileiro. A cena que causou mais revolta foi no episódio *Aracnídeos do Reino Unido* (temporada 11, episódio 4) em que Yasmin está falando com sua irmã e na dublagem diz “pelo menos eu tenho um trabalho, Boulos” e a sua irmã responde “falou então, Bolsonaro”, quando no original não há piada. Alguns usuários deixaram claro que acreditam que o problema seja a polarização política brasileira, e não a série em si. Além disso, reclamam das interpretações políticas usando o argumento de que não faz sentido inserir política em uma série de entretenimento. Também houve uma discussão sobre ser errado um fã de *Doctor Who* apoiar o então candidato Jair Bolsonaro, pois *Doctor Who* faria críticas aos posicionamentos que ele tem. Essa discussão favorece a ideia de Mulgan (1994) e Marcus (2002) de que política e entretenimento são esferas muito próximas uma da outra porque os leitores escolhem seus candidatos menos por suas propostas, e mais pela sua performance e carisma (STREET, 1997).

Tiveram algumas discussões sobre diferenciar o posicionamento político de personagens e dos roteiristas. Muitos comentaram, que era preciso saber o que era construção da personagem e o que era ideias pessoais dos roteiristas, que os fãs não têm mais tanto senso crítico ao assistir *Doctor Who* e, portanto, era perigoso se utilizar de um personagem tão icônico para propagar ideologias políticas. Essa discussão remonta à ideia de que o espectador é apenas passivo, e que o fã irá apenas consumir sem senso crítico. Ao mesmo tempo, os agentes desse discurso se colocam como melhores por conseguir enxergar além de seus sentimentos e formular um argumento racional sobre a mensagem e por prezarem mais valores de qualidade objetivos, como fotografia e edição.

Também houve várias discussões sobre feminismo no geral, sobre a diferença entre o movimento das sufragistas e sobre as feministas dos dias atuais pois, enquanto o primeiro foi um movimento justificável, o último não, pois foi entendido que as mulheres já tinham alcançado direitos iguais. Pode-se observar que muitos fãs não se importam muito com lutas sociais, vários alegam não ver problema em ter um elenco com mais representatividade, mas que não gostam de representatividade forçada. Não eram apenas as discussões sobre feminismo que foram para esse lado, mas também sobre homofobia e racismo. Segundo um usuário, o Doutor é contra o racismo, não por política, mas sim porque é senso comum na vida real de que racismo é errado. Houve

alguns fãs que acharam estranho o vilão do episódio *Rosa* ser um racista vindo do futuro, dando a entender que esse é um problema que praticamente não existe mais. Outro ponto comentado foi homofobia. Um fã homossexual afirmou que não entende porque fazer alarde devido a minorias e muitos comentários foram traçados sobre a amiga do 12º Doutor, Bill Potts, que era negra e lésbica, e falava abertamente sobre as suas identidades. Muitos fãs não entendem o porquê dela ter que fazer isso e criticam, uma vez que ela não foi a primeira coadjuvante negra da série e nem a primeira personagem não-heterossexual. Van Zoonen (2005) afirma que a ideia de que entretenimento não pode contar com política vem da ideia de que fãs e eleitores não são o mesmo tipo de pessoa. Por essa divisão, existe uma disputa sobre quais personagens gostar e porquê. O exemplo da Bill também pode traçar um paralelo com o trabalho de Campanella (2012), em que as pessoas julgam gostar de algum personagem devido a sua situação socioeconômica por se tratar apenas de “coitadismo”.

Além disso, outra discussão interessante foi sobre a diferença de uma série que contém política e uma série política e as diferenças de política partidária e política representativa. A primeira discussão contou com pessoas alegando que só porque a série tem algumas situações políticas não quer dizer que ela seja política, séries políticas devem focar inteiramente nessas questões. Como um gênero cinematográfico, e *Doctor Who* não é assim, porque ele tem mais elementos de ficção-científica e aventura. Já a segunda contou com pessoas que disseram que representatividade nada tem a ver com políticas partidárias, e deveria ser uma pauta tanto da esquerda quanto da direita, que não entendiam bem qual a correlação feita pelos fãs sobre um elenco mais diverso virar propagação de ideologias políticas “esquerdistas”.

Outro ponto notável nas discussões foi a caracterização da Doutora. De acordo com Van Zoonen (1994), a criação de personagens femininas em papéis masculinos não é tão revolucionária, pois acaba dando a ideia de que, para uma mulher ser bem sucedida, é preciso que ela adquira traços masculinos. Em *Doctor Who*, apesar de Jodie ter assumido um papel que era considerado, por muitos, masculino, isso não é de toda verdade, uma vez que cada Doutor conta com uma personalidade única. Apesar disso, muitos sentiram que a Doutora estava sem personalidade. A caracterização dela, em relação aos outros doutores é mais apática quanto aos problemas enfrentados: em *Rosa* ela não interferiu na história para preservar a linha do tempo sendo que o Doutor

diversas vezes já tentou mudar o curso da história, tornando-a assim conivente com diversas situações de racismo. Em *Orphan 55*, deixou os funcionários e clientes do SPA morrerem num planeta inóspito. Em *Kerblam!*, poderia ter evitado algumas mortes, mas não o fez. Apesar de serem atitudes simples, elas destoam das outras encarnações do Doutor, principalmente pelo o que a personagem prega. Houve críticas em relação à moralidade da Doutora, que agora parecia defender bandeiras “vazias”. E de fato, a Doutora aparece mais complacente em relação a situações injustas.

Considerações Finais

A hipótese principal deste trabalho era que o espectador tem uma percepção política da série que se alinha a suas próprias questões políticas porque *Doctor Who* abre espaço para um grande número de interpretações diferentes. E, de fato, isso ocorre, pelo menos com as outras eras, porém o fato dos fãs entenderem a era da Doutora como a mais politizada, mesmo a personagem tomando atitudes mais conformistas em comparação aos anteriores, e não agindo de acordo com a sua própria moral, e também estarem tão confortáveis com episódios sutis e não com episódios explícitos, especialmente na época em que a série apresenta uma equipe mais diversa, torna notável de que o fator representatividade é algo importante para a interpretação das mensagens dos episódios. A abordagem mais explícita sobre questões sociais, apesar de conter mensagens mais apáticas e conservadoras, fez com que grande parte dos fãs as tenha entendido como mensagens “esquerdistas” que querem impor algo à audiência.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- CAMPANELLA, Bruno. Os olhos do grande irmão: uma etnografia dos fãs do Big Brother Brasil. Editora Sulina, 2012.
- CASTELLANO, Mayka; MEIMARIDIS, Melina. “MULHERES DIFÍCEIS”: A anti-heroína na ficção seriada televisiva americana. Revista FAMECOS, v. 25, n. 1, 2018.
- DOW, Bonnie J. “How Will You Make it on Your Own?”: Television and Feminism Since 1970. In Wasko, J. (ed), *A Companion to Television*, 2005, p. 379- 394.
- FISKE, John. **Understanding Popular Culture**. Boston: Unwin Hyman, 1989.
- FISHER, Robert & KLING, Joe, *Mobilizing the Community: Local Politics in the Era of the Global City*, SAGE Publications: California, 1993.

FREIRE FILHO, João. Fãs, a nova vanguarda da cultura. FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: Os Estudos Culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 81-110, 2007.

HALL, Stuart. Notes on ‘Deconstructing ‘The Popular’’. In: SAMUEL, Raphael. **People’s History and Socialist theory**. London: Routledge and Kegan-Paul, 1981.

JENKINS, Henry. *Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*. New York: Routledge, 1992.

JENSON, Joli. Fandom as pathology: the consequences of characterization. In: **The Adoring Audience: Fan Culture and Popular Media**, edited by Lisa A. Lewis. 30-49. New York: Routledge, 1992.

LOTZ, Amanda D. *Redesigning women: Television after the network era*. University of Illinois Press, 2006

MONTEIRO, Tiago José Lemos. Entre a patologia e a celebração: A questão do fã em uma perspectiva histórica. In: **Artigo apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–UERJ**. 2005.

PAPACHARISSI, Zizi. *Affective Publics: Sentiment, Technology, and Politics*, New York, NY: Oxford University Press, 2015.

SÁ, Simone.; POLIVANOV, Beatriz. Materialidades da comunicação e presentificação do sujeito em sites de redes sociais. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 9, p.13-36, 2012.

SANDVOSS, Cornel. Quando estrutura e agência se encontram: os fãs e o poder. *C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual*, n. 28, p. 08-41, 2013.

STREET, John. *Politics and Popular Culture*. Polity Press: Cambridge, 1997.

THORNTON, Sarah. **Club Cultures: music, media and subcultural capital**. Oxford: Polity, 1996.

VAN ZONEN, Liesbet. *Feminist Perspectives on the Media*. In: *Feminist Media Studies*. Sage Publications, Thousand Oaks, 1994.

VAN ZONEN, Liesbet. *Entertaining the citizen: When politics and popular culture converge*. Rowman & Littlefield, 2005.